André Pomponet

Barafunda ideológica se aprofunda mundo afora

André Pomponet - 13 de fevereiro de 2017 | 11h 26

Pouca gente comentou até agora, mas 2017 é ano emblemático. Marca o centenário do triunfo da Revolução Russa, que instituiu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). É certo que, décadas adiante – mais precisamente, em 1991 – a pioneira experiência socialista ruiu, deixando órfãos milhões de comunistas mundo afora. Naquele momento parecia que o capitalismo triunfaria, hegemônico, prevalecendo como única alternativa de organização da produção.

Os mais entusiasmados previam um futuro venturoso, com capitalismo e democracia entrelaçando-se em simbiose perfeita. Não foi o que aconteceu até agora. Ao contrário: uma intensa crise econômica arrasta-se desde 2008. Com ela, bilhões de pessoas foram afetadas pelo planeta. Incluindo aí, claro, milhões de trabalhadores das nações desenvolvidas, barrados no baile da globalização.

Foram eles que elegeram Donald Trump nos Estados Unidos e, meses antes, avalizaram a saída da Inglaterra da União Europeia. São eles também que ameaçam alçar ao poder a extrema direita na França, na Holanda, no Leste da Europa e que sacodem a supostamente sólida engenharia que erigiu a União Europeia. Suprema ironia: o eleitorado tende a consagrar a extrema direita nas urnas não pelas virtudes do capitalismo triunfante, mas em função de suas mazelas...

Quem envereda na direção ideológica oposta também não tem lá muitas razões para sorrir. Afinal, na recente reunião de Davos, na Suíça, os chineses – isso mesmo, os comunistas chineses – exaltaram as virtudes da economia de mercado, embora não a pratiquem. E Cuba, coitada, verga sob o assédio capitalista, mesmo com todos os discursos oficiais negando.

E o Brasil?

Por aqui, a confusão é ainda mais intensa. E não apenas por causa do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que provocou salseiro inédito no cenário político. No Brasil a situação andava confusa há muito tempo. A famosa Carta aos Brasileiros – na verdade, uma manifestação de boas intenções para os banqueiros, quando Lula concorria à presidência em 2002 – talvez funcione como um dos marcos do intenso rebuliço ideológico recente.

Há quase um ano, PT e PC do B repisavam que o *impeachment* era golpe. E defenestravam a velha direita caquética à qual estavam aliados até a véspera. Pois não é que ventos oportunistas desvirtuaram a biruta ideológica e o PC do B e parte do PT votaram em Rodrigo Maia (DEM), um dos artífices do *impeachment*, para presidir a Câmara dos Deputados pelos próximos dois anos?

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira

A epidemia de escolas os riscos da má formaç

O ciclista com flores

Glauco Wanderley

Em 2018, sai a duplicaç um pedaço do Contorn Ronaldo

Ronaldo investe na div ações de alcance estad

André Pomponet

Barafunda ideológica s aprofunda mundo afor

Os números do Ensino Feira

Valdomiro Silva

Goleado na Paraiba, Vi torcida colocar "barba em estreia na Copa do

Flu faz a melhor estreia últimos anos e anima a

AS MAIS LIDAS HOJE

1 A epidemia de escolas médicas e os ris formação.

2 Universitária Milena Fonseca é eleita R Carnaval de Salvador 2017

3 Secretaria da Educação da Bahia abre para 1.542 vagas

4 Flu vence a segunda e chega à vice-lid

A perspectiva de assumir o poder também produziu embaraços ideológicos no PMDB. Os pajés do partido sempre viveram à sombra do Estado, ocupando cargos, mercadejando verbas e vitaminando seu projeto político com o estímulo irrefrável dos cofres públicos. E não é que, subitamente, os próceres da legenda converteram-se em inveterados privatistas, apóstolos do Estado mínimo? A convicção decorreu das conveniências da ocasião, claro.

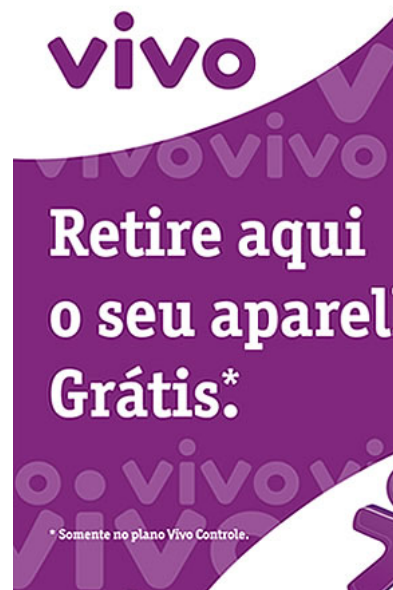
Populismo

E o que comentar do PSDB, a legenda que sempre requisitou o primado da técnica e da boa gestão? Converteu-se em valhacouto de populistas rasteiros. É o caso do atual prefeito de São Paulo, João Dória. Descontando os factoides e as performances, o "gestor" que renega a política vai pouco além da demagogia de gente do naipe de Paulo Maluf.

É claro que muitas legendas abrigam gente coerente: os que estão sempre na situação. E que se ajustam com perfeição tanto aos impulsos estatizantes quanto às vagas privatizantes, extraindo o máximo proveito pessoal possível. Quase todo o emaranhado de siglas vazias que organizam a fauna política brasileira encaixa-se nessa definição.

Os profetas da Revolução Socialista devem acompanhar, no além-túmulo, desolados, a derrocada dos seus regimes mundo afora e, sobretudo, a degeneração dos partidos que alegam defender suas ideias; do outro lado, os liberais ideológicos – aqueles movidos por ideologia, não por conveniência – devem revolver-se nas tumbas, testemunhando o apetite dos pretensos privatistas sobre os cofres públicos.

O mais desesperador é que nada sinaliza para melhoras no médio prazo. Contrariando o dito popular, talvez, "nem Jesus na causa". Afinal, no Brasil, o que não falta é partido abrigando gente que diz falar em nome do Cristo...

5 Diretoria do Fluminense de Feira recolh falsos

LEIA TAMBÉM

André Pomponet

Os números do Ensino Médio em Feira

Números do Ensino Fundamental em declínio

Santiago do Iguape apresenta diversos atrativos